

Traços da cultura e da história de Minas no olhar do eu-poético de Adélia Prado

* Amadeu da Silva Guedes

RESUMO

Este ensaio tenta estudar um pouco da poesia de Adélia Prado através das imagens do olhar do eu-lírico no poema *Janela*. Da relação do eu-lírico com as imagens que ele focaliza emergem importantes reflexões a respeito do cosmos criado pela poetisa mineira em sua produção. As imagens do lugar que Adélia Prado constrói revelam relações e códigos sociais, além de propor uma reflexão sobre espaço e cultura na atualidade.

Palavras-chave: Prado. Imagens. Olhar. Minas Gerais. Poesia.

ABSTRACT

This essay aims at studying a little of Adélia's Prado poetry through the images of eye of the lyric self in the poem *Janela*. From the relation of the lyric self with the images it focuses on, important reflections raise about the cosmos created by the poet from Minas Gerais in her poetic production. The images of the place, which Adélia Prado constructs, reveal relationships and social codes, apart from proposing a reflection upon space and culture in the present days.

Keywords: Prado. Images. Look. Minas Gerais. Poetry.

* Doutorando e mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense.

INTRODUÇÃO

Adélia Prado é uma importante voz feminina da poesia brasileira na nossa atualidade. É indiscutível que sua produção poética tem as marcas da beleza da sociedade interiorana, do universo feminino, da simplicidade e da complexidade do mundo. Sua poesia é delicada, feminina e fêmea, família e mundo, religiosa e reflexiva. Em resumo, sua poesia é brasileiroamente interiorana e especificamente mineira; nela, estão presentes os cheiros, os sabores, as cores da terra da poetisa, bem como sua gente, o passado, os traços culturais, os códigos sociais e a paisagem do seu espaço geográfico. Adélia recria, ressignifica Minas em sua poesia com uma paixão simples. Essa abordagem de seu cosmos em sua construção poética tem como elemento importantíssimo o olhar do *eu-lírico*. O *eu* com os seus olhos voltados para o espaço poético de sua aldeia é parte importante no fazer literário da poeta mineira e tem sua face muito parecida com a face do mundo da autora. Não é um *eu* fotográfico que apenas canta sua aldeia e que a reflete, mas sim, um *eu* que se movimenta com a sutileza feminina nos emaranhados que compõem a vida naquele lócus recriado poeticamente. O *eu* presente em suas poesias é notoriamente feminino, é menina, moça, mulher, mãe, avó. Enfim, na poesia de Adélia Prado, há um *eu* que tem seu espaço espelhado no próprio olhar e nessa relação entre ele (o *eu*) e o que ele vê encontramos um discurso no qual se cruzam passado e presente, individualidade e coletividade.

Intenciona-se aqui fazer um desdobramento das imagens do olhar do *eu-lírico* no poema *Janela* de Adélia Prado no intuito de esboçar um pouco o perfil desse elemento poético (o *eu*), o seu lócus e as relações sociais que a poetisa nos apresenta em suas criações.

Como é esse olhar na poesia adeliana? Quais significações estão presentes na paisagem que ele abarca? Que sentido tem a sua existência na construção literária da poeta mineira? Qual a sua relação com as questões culturais e históricas do cosmos mineiro de onde o *eu-adeliano* enuncia? Qual a sua relação com o mundo atual?

A literatura, como sabemos, é um discurso sobre a história. Analisar a produção poética de Adélia Prado é também estudar um pouco do espaço mineiro da sua história e da cultura de Minas e, conseqüentemente, do Brasil. A poesia de Adélia prende-se ao cotidiano do seu lugar e, nesse cotidiano, poeticamente recriado, encontramos sinais que nos conduzem a dados culturais e históricos instigadores de diálogo e reflexão. O trabalho poético de Adélia apresenta traços da crônica ao se deter no dia a dia, nos discursos do cotidiano e na paisagem local. Isso é preñado de sentidos. Como

nos lembra Walter Benjamin, “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1994, p. 14).

É sobre o olhar desse *eu* e um pouco de relações históricas e culturais que esse trabalho se desenvolve no intuito de traçar um perfil desse ser da poesia e construir significações para o foco do seu olhar. Far-se-á, aqui, o estudo de uma das poesias de Adélia Prado, marcada pela visualidade, com o intuito de esboçar um perfil do eu-lírico atuante nas construções poéticas da autora mineira e as significações que as imagens trazem nesse poema. Não se trata, nesse empreendimento, de esgotar todas as possibilidades de desenho do imenso perfil desse *eu-poético* e das significações das imagens que ele observa. Provavelmente, isso não seria possível e, se fosse, não caberia em um trabalho de pequeno porte como este. O trabalho, aqui feito, visa a se aproximar do *eu-lírico*, exibir seus comportamentos mais comuns, comprovando-os, mostrando aspectos dele, sua relação com as marcas de um espaço, de um tempo e de um código cultural, dados que estão presentes na poesia da poetisa mineira e que, com certeza, são uma pequena parcela de muitos outros aspectos presentes na constituição da personalidade desse ser poético. O *eu-lírico* que observa permite ser observado e aquilo que ele observa apresenta-se cheio de sentido, de marcas do passado e do presente. Aonde nos leva o foco do olhar desse *eu-lírico* de Adélia Prado na poesia janela?

O *eu* que vê o mundo mostra-se, constitui-se diante dos olhos do leitor. O *eu* presente na construção poética adeliana está, como já se pôde perceber, intimamente relacionado à terra de sua criadora, logo esse *eu-lírico* é Adélia Prado ou pelo menos a imagem de Adélia Prado que construímos para nós.

A partir do princípio de distinção entre o poeta e o *eu*, este um ente da poesia e aquele uma pessoa de carne e osso, fica evidente a hercúlea e talvez impossível tarefa de apartar o que é realmente do autor daquilo que pertence à sua criação poética, lugar onde o *eu-lírico* se localiza. Dessa distinção está um paradoxo: o *eu-lírico* e o autor são seres diferentes, mas mantêm entre si laços de intimidade. Far-se-á, aqui, uma empresa no sentido de esboçar as características mais comuns do *eu* através do desdobramento das relações visuais mantidas com seu mundo que, de certa forma, é o mundo da poeta mineira que conhecemos.

Através do estudo dos movimentos do olhar do *eu-lírico* da poesia adeliana e das relações que esse olhar mantém com as pessoas, é possível

desdobrar signos de um cosmos que permitem a visualização de situações sócio-históricas com as quais o *eu* mantém relações. Nesse mundo carregado de sentido, encontramos o *eu* que os visualiza e se constrói diante de nossos olhos. O eu-lírico presente na poesia de Adélia Prado se constrói em relação com o outro e com as coisas. Ao olhar e explicitar as imagens para o leitor, ele revela estilhaços de um mundo e se revela.

Vale à pena esclarecer, embora seja óbvio, que o olhar é uma das formas escolhidas para se traçar o perfil do *eu-adeliano*, mas não a única. Logicamente, o desvelar-se do *eu* se dá de outras formas, no entanto, neste trabalho nos interessa a questão do olhar. Outras formas de ação do *eu* interagirão no seu desvelar, no traçado de seu perfil, mas a central aqui estudada será a ação do olhar.

Como já foi mencionado, ao se falar em Adélia Prado, automaticamente, para seus leitores, pensa-se em Minas Gerais e em toda a visualidade da paisagem mineira que se encontra desenhada na memória. A poesia de Adélia traz várias pinceladas das cores mineiras, bem como traços autobiográficos, traços de uma temporalidade particular em cruzamento com uma temporalidade coletiva. Ora todo ser é um cruzamento do passado com o presente, do individual com o coletivo. A primeira pessoa domina toda a sua poesia e nela se encontram fundidos o *eu-lírico* e a autora. A construção da poesia tem como grande marca um *eu* feminino que olha para seu tempo, seu cotidiano, importante elemento em sua construção poética, e exhibe estruturas culturais, paisagens e momentos. É muito constante na construção da poesia de Adélia Prado o olhar do *eu*. Ele traz ao leitor imagens que estão ligadas à realidade da poeta.

Antes de abordarmos propriamente o olhar do *eu*, são necessárias algumas considerações sobre o eu-lírico - a voz que enuncia - e o autor - o criador da obra. Várias considerações e trabalhos já foram feitos relativos à questão da relação do *eu* com o autor. De todas elas é possível extrair a consideração de que há uma distinção entre o eu-lírico e o poeta, porém essa distinção não está em uma relação de exclusão e oposição, mas de complementaridade. O *eu-lírico*, como voz da poesia, traz em seu discurso traços biográficos do autor, porém há uma enorme dificuldade, como já mencionamos, em diferenciar o que realmente é biografia do autor e o que não é. Embora o *eu-lírico* tenha como instância a primeira pessoa, em que se encontram ele (esse *eu-lírico*) e o autor, nem tudo presente na voz do *eu* realmente pertence à biografia de quem escreve. Neste trabalho seria mais conveniente dizer que nem tudo presente no *olhar* do eu-lírico pertence ao *olhar* do autor, uma vez que o foco aqui é olhar do *eu* na construção de

sentidos da poesia da poeta de Minas.

Ainda dentro das considerações sobre o *eu* e o autor ou poeta, é válido retornar para fundamentar o tipo de relação dúbia entre os dois, escolhida para ser usada neste trabalho, que visa ao estudo dos sentidos da poesia da autora: um ser de carne e osso que traz em si o imaginário e o real, o individual e o coletivo, o presente e o passado. Atentemos para as palavras de Bakhtin antes de prosseguirmos:

É tão impossível a identificação absoluta do meu “eu” com o “eu” de que falo como alguém suspender a si mesmo pelos cabelos. O mundo representado, mesmo como que seja realista e verídico, nunca pode ser cronotopicamente identificado com o mundo real representante, onde se encontra o autor criador dessa imagem (BAKHTIN, 2002, p. 360).

A partir dessa afirmação de Bakhtin em sua obra **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance, fica evidenciada a impossibilidade de separação entre o que o eu enuncia e a considerada verdade da vida do poeta. Ainda que se detenha a uma grande e respeitada fonte biográfica, é difícil dizer até que ponto essa fonte trouxe algo real sobre o autor e sobre seu mundo. Essa fonte é um discurso, e todo discurso é uma construção, é fruto de um ponto de vista, de um tempo, das experiências de vida de quem o enuncia. O *eu* é criação do autor e estabelecer o que é ou não verdade do autor é difícil.

Partindo, então, do princípio de que sempre há uma relação entre o *eu* e o autor, focar-se-á aqui o olhar do *eu* que, conseqüentemente, traz Adélia e seu espaço histórico-geográfico, sem preocupação em estabelecer uma verdade biográfica, antropológica ou histórica, se é que uma verdade sobre essas e outras áreas realmente existe, mas sim, interpretações coerentes dentro da poesia adeliana que revelem o perfil do *eu* construído pela poetisa.

Sobre o que estamos refletindo, é bem-vinda aqui, também, a afirmação de Dominique Combe sobre a ligação do *eu* e da biografia do autor. Combe nos ajuda a encerrar o que foi abordado até agora como pensamento basilar para a análise de um recorte da poesia adeliana:

La génesis del concepto de sujeto lírico es, como acabamos de ver, inseparable de la cuestión de las relaciones entre la literatura y la biografía y del problema de la referencialidad de la obra literaria. Pero, si reflexionamos sobre las implicaciones de esta hipótesis, se diría que el sujeto lírico no se opone tanto al sujeto empírico, real – a la persona del autor -, por definición exterior a la literatura y al lenguaje, como al sujeto

autobiográfico, que es la expresión literaria de ese sujeto empírico (COMBE, 1999, p. 139).

Feita a justificativa da limitação do trabalho em relação ao foco de visibilidade do *eu*, embora nele sempre esteja presente o olhar do autor, vejamos como a relação de visibilidade ocorre.

Como já foi dito, Minas, em seu aspecto interiorano, é imanente na poesia de Adélia Prado. Qual a importância desse ponto na construção literária da poetisa mineira? Nota-se na escritura de Adélia Prado uma observação sociológica feita pelo *eu* observador e que é observado. O *eu* e seu relacionamento com as dimensões sociais e a sua aproximação delas são a matéria prima da construção poética adeliana, embora sua construção poética não se limite somente a isso. O primeiro ponto relacionado com a experiência de Adélia são os quadros que o *eu-lírico* observa, quadros notadamente pertencentes à realidade interiorana, lócus em que a poeta está inserida. Nesses quadros, estão presentes diferentes dimensões do espaço social: as pessoas daquele mundo, suas fainas, seus sofrimentos, suas alegrias e suas relações, bem como elementos que compõem o cenário da vida diária. O *eu* se insere no cotidiano perante o outro e se revela vendo. Ele (o *eu*), na poesia adeliana, desdobra-se perante o tu, relaciona-se com ele e juntamente com o que vê ou com quem vê ele se constrói. A constituição da experiência visual no poema, portanto, não pertence só ao *eu*, mas também ao que é exterior aos seus olhos, e essa experiência filtrada pelos olhos desse *eu* se comunica com o leitor numa situação de esboço do *eu-lírico* e do contexto em que ele está.

Laéria Fontenele aborda a situação do *eu-lírico* adeliano fazendo importantes observações sobre a situação da instância deste com a instância da alteridade. A autora, que estuda o discurso feminino na escritura de Adélia Prado, faz considerações sobre o *eu* e o *tu*, sobre a experiência do eu adeliano, o modo como ele enuncia e se situa na construção poética da autora mineira. Observemos suas interessantes palavras sobre o assunto que está se desenvolvendo agora nesse trabalho:

[...] ao encontrar-se delimitado no literário, dá-se a reprodução da própria gênese do eu como uma individualidade organizada a partir da relação do espelhamento com o tu.

[...]

...a utilização da primeira pessoa como actante da enunciação não se reduz a um monismo experiencial...

[...]

Considerados esses aspectos, podem-se observar os efeitos

de tal enunciação, promovida pela implementação de subjetividade e singularidade como figuras do dizer. Tais efeitos, no caso da escritura de Adélia Prado, são os do desdobramento entre o eu do Autor e o eu da enunciação; o dialogismo entre a voz lírica e o seu destinatário; a produção de um espaço e de uma temporalidade a partir da sua própria demarcação; e, por último, a colocação em ato de sua visibilidade.

[...]

Na medida em que a intersubjetividade é constituída segundo o espaço lingüístico, o eu só pode ser visto como instância limite entre o psíquico e o social. Será, portanto, através dela que se dará o seu reconhecimento como singularidade de que se opõe ao outro (FONTENELE, 2002, p. 26).

Na formação do *eu-poético*, está ele (o eu), o mundo externo e a percepção do mundo, e a percepção da poeta. Nos vãos desses elementos, está a identidade o eu-poético. Em todos eles encontramos várias possibilidades de leitura da recriação do mundo mineiro pela poeta. São várias as poesias de Adélia Prado marcadas pelo olhar do *eu* e, depois de vermos aspectos da construção e manifestação do *eu-lírico*, observemos, a partir de um poema, como isso se dá na poesia da autora. Atentemos, então, para a poesia *Janela*:

Janela

Janela, palavra linda.
Janela é o bater das asas da borboleta amarela.
Abre pra fora as duas folhas de madeira à-toa pintada,
janela jeca, de azul.
Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você.
meu pé esbarra no chão.
Janela sobre o mundo aberta, por onde vi
o casamento da Anita esperando neném, a mãe
do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.
Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,
Clarabóia na minha alma,
olho no meu coração (PRADO, 1999, p. 105).

O poema é cheio de traços visuais constituintes de fragmentos da memória. A palavra *janela*, como elemento central da poesia, já traz de forma imanente a sua significação determinada pela visualidade. É nesse elemento que convergem as lembranças do *eu-lírico* construídas através memória visual. O espaço da janela é o espaço divisor entre o *eu* e as cenas vistas guardadas nas lembranças. Nos quatro primeiros versos do poema é feita

a construção poético-visual da janela, pois ela é mais do que uma simples janela, é uma palavra carregada de um poder de despertar os sentimentos memoriais do *eu*.

O eu-lírico é uma pessoa do sexo feminino e a janela em sua vida, em suas lembranças, aponta para códigos éticos e estruturas culturais. O elemento janela é tratado com um lirismo feminino. Há todo um enobrecimento da janela feito através da poetização dela, poetização que se dá, em sua maior parte, através da descrição da imagem simples da janela. De início, o *eu* faz a consideração sobre a beleza da palavra, ele declara ser janela uma *palavra linda*; depois, faz uma metáfora estabelecendo um vínculo visual entre os movimentos das duas partes dessa janela com “o bater das asas da borboleta amarela”; em seguida, expõe as duas partes dela em sua simplicidade: “folhas de madeira à-toa pintada”; por último, encontra na cor azul da janela a significação em um contexto cultural. Ao falar “janela jeca, de azul”, revela a popularização da cor azul na região interiorana. A cor azul na janela passa a ser um elemento da visualidade indicador de um traço cultural de um espaço geográfico em um corte de tempo e, em uma leitura mais abrangente, o azul associado ao jeca passa ser um dado revelador de um sintagma externo da poesia: a localização da cultura interiorana no conjunto das culturas nacionais, mais especificamente, deixa entrever a oposição entre cultura interiorana e cultura citadina. Está aí um *eu* consciente do espaço da sua cultura no cenário da cultura nacional. Ao se desdobrar a cor azul e o jeca, percebe-se que ele (o *eu*) consegue vislumbrar um pouco o perfil de sua cultura em relação a outras culturas nacionais. O azul-jeca na janela, por pertencer à cultura interiorana, deixa um espaço carregado de significação: é um dado diferenciador das duas culturas: o azul na janela é jeca, não pertence à sociedade urbana, ou melhor, não serve para identificá-la, logo a cultura citadina possui outros traços, outras cores de identificação. Através, então, de um dado visual diferenciador acaba-se por vislumbrar, fora da poesia, vários outros traços culturais diferenciadores. Tudo isso vindo de um desdobramento da leitura de um dado visual. Quanto ao termo jeca trazer uma carga semântica cheia de preconceito, mas não há na poesia valores ou hierarquizações em relação às diferentes culturas brasileiras. Nessa descrição da janela através da cor, da associação com a borboleta e com a cultura caipira (jeca), apresenta-se um recorte espacial, social e cultural. É uma exposição da aldeia de Adélia Prado, de como ela recria essa aldeia em sua poesia, como usa a imaginação para ver a paisagem e a vida em seu cosmos mineiro.

Adélia Prado canta a sua terra, isso é algo notório em seu fazer poético e, segundo Laéria Fontenele, a poeta mineira, ao localizar o *eu-lírico* no seu

cosmos, atualiza esse cosmos, exhibe o lugar em que o *eu-lírico* se manifesta, faz das pessoas, paisagens e elementos circundantes a matéria de sua poesia, assim como fez no poema *Janela* trazendo elementos relacionados à visibilidade. Indo mais além, Laéria Fontenele cogita na possibilidade de, nesse poetar sobre a província, haver uma relação com a *desterritorialização* a que o indivíduo na modernidade está submetido. Sobre o que está sendo comentado, são válidas as palavras de Bauman (1999, p. 21):

Foi antes de mais nada, a disponibilidade de meios de viagens rápidos que desencadeou o processo tipicamente moderno de erosão e solapamento das totalidades sociais e culturais localmente arraigadas; [grifo nosso] [...]

Dentre todos os fatores técnicos da mobilidade, um papel particularmente importante foi desempenhado pelo transporte da informação – o tipo de comunicação que não envolve o movimento de corpos físicos ou só o faz secundária e marginalmente.

No mundo atual, os avanços tecnológicos, a velocidade dos meios de comunicação cada vez mais colocam o indivíduo em contato com as diferentes culturas que acabam se (con)fundindo na mídiatização e, conseqüentemente, afastando o sujeito do seu meio de origem. Em outras palavras, há uma perda dos laços com a sua cultura original, um apagamento das raízes. As localidades se encontram quase que impossibilitadas de gerar significação para os seus habitantes.

Entender o *eu-lírico* do processo de criação poética de Adélia Prado como uma voz que canta a sua aldeia não é uma interpretação sem fundamento. Lembremos do heterônimo Alberto Caeiro, do poeta português Fernando Pessoa. Caeiro pode ser considerado como uma das faces da poesia pessoana que exaltava a simplicidade, a beleza do natural em face de um momento europeu que afetou Portugal. Ele pode ser entendido como uma voz que gritava em um tempo de fortalecimento da modernidade, um discurso que tem muito a dizer sobre a relação de Portugal com a modernidade europeia. O *eu-poético* de Adélia Prado enxerga sua localidade, sua cultura local e os estilhaços das culturas locais em face de uma cultura global. É um *eu* que, de certa forma, canta por uma unidade cultural. A presença constante da aldeia da poeta em sua construção literária aponta para um dado importante: o lugar da poesia de Adélia Prado no cenário nacional. Em outras palavras, o ponto de enunciação dessa poesia, uma das suas razões de ser dessa poesia. A opção por uma poesia que retrata um lugar e um estilo de vida é de extrema significação nesse momento em que vivemos a

pulverização das culturas locais.

Voltando à “janela jeca, de azul”, vemos como a cor azul nesse contexto tem uma significação forte no todo da descrição da janela. Assim como essa cor, outros dados visuais a territorializam, fazendo com que seja um elemento fundamental nesse poema de lembranças. Com o verso “Janela é o bater das asas da borboleta amarela”, a poetização da janela ganha um elemento da natureza que se forma visualmente no pensamento do leitor. Movimento e cor se juntam para construir a poesia nesse elemento. Vê-se em borboleta amarela um elemento natural que evoca a aldeia da autora, uma vez que a natureza está mais próxima do homem interiorano do que do homem citadino. É muito mais comum associar uma borboleta ao visual do meio interiorano do que ao visual de uma metrópole. Desse vínculo entre a borboleta e a janela é perceptível que a borboleta é um sinalizador do meio do *eu*: o espaço interiorano.

À medida que se torna possível visualizar a janela da poesia através dos vários recursos expressivos empregados na descrição desse elemento, vai se percebendo que a própria janela é um indicativo do meio interiorano assim como os seus constituintes. A janela que “Abre pra fora as duas folhas de madeira à-toa pintada” é uma janela característica de uma cidadezinha do interior. A rudeza na pintura, as partes que compõem o elemento – as duas folhas de madeira - a situam na aldeia da poeta. Essa composição da janela como um elemento do mundo em que a autora está inserida, fica mais patente quando se leem os versos cinco, seis e doze: “Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você, / meu pé esbarra no chão. [...] Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão”. A altura da janela que permite atravessá-la, permite o pé do *eu* esbarrar no chão e o elemento *tramela*, grafado de acordo com a oralidade popular, traçam, em companhia dos traços anteriormente citados, a imagem de uma janela pertencente a uma habitação simples do interior. A janela vista e exposta ao leitor pelo *eu* vai além e traz imagens relacionadas ao contexto em que ela e o *eu* existem. Vale lembrar a relação estabelecida entre a borboleta amarela e a janela, bem como a rudeza da pintura e as duas folhas de madeira, constituintes da janela interiorana, também como elementos que fazem parte do processo de poetização dessa janela e a carregam de maviosidade e singeleza, algo comum na poesia de Adélia Prado.

Além de a visualização de a janela evocar imagens da localidade de Adélia no poema, a imagem vista apresenta uma forte significação cultural no mundo da pequena cidade. O trabalho da descrição desse elemento fundamental no poema, bem como o olhar do *eu* revelam o hábito interiorano

de observar aquele mundo pelo espaço aberto das janelas.

Vale lembrar que o elemento janela está muito presente na nossa cultura e na nossa história e a literatura não deixou de mostrar isso. Podemos trazer como exemplo disso uma passagem do romance Senhora de José de Alencar: nessa história, a mãe insiste com sua filha, a moça Aurélia, para ela se expor na janela com o intuito de arranjar namorado. Essa passagem da narrativa aponta para um dado cultural interessante no Rio de Janeiro do tempo do Império, é reveladora de um tipo de relação das mulheres com o espaço público e, logicamente, do espaço da mulher na organização social. Na vida pacata e simples do ambiente não citadino, é comum o olhar através da janela. Cada registro literário sobre esse ato nos traz aspectos de um tempo capazes de oferecer pistas sobre as relações numa sociedade e os diferentes códigos de conduta nela existentes. Na obra de Gil Vicente, A farsa de Ignês Pereira, a moça Ignês não aceitava os padrões de comportamento feminino e gostava de ser por à janela, no entanto, foi proibida pelo marido, um rude cavaleiro com quem se casara, de praticar esse ato. Para isso se encontrar em uma farsa, manifestação literária tão marcadamente próxima do cotidiano, logicamente esse hábito de olhar pela janela existia e era condenado socialmente. Assim como esses dois exemplos literários de visualização do espaço público através janela nos conduzem a reflexões sobre uma organização social, o poema de Adélia Prado não poderia deixar de fazer o mesmo. Interpretemos, então, o olhar do *eu-poético* através da janela na busca de sentidos para essa situação tão presente na literatura.

No olhar do *eu* adiliano nesse poema, através da janela e para a imagem da janela, está a ponta do fio de um novelo que envolve história e cultura. Tudo isso em um olhar supostamente simples. O *eu-lírico* em Adélia é sua terra e sua história e nisso estão presentes pensamentos e códigos sociais. Vejamos como isso acontece nessa poesia.

O elemento visual janela e toda sua carga significativa no poema é um dos primeiros elementos que está nos olhos da memória do *eu*, que mantém uma relação afetivo-memorialista com esse elemento constituinte de uma casa. “A janela jeca, de azul” é evocadora das lembranças visuais do eu. Como o eu-lírico se relaciona com o que ele vê? Qual é o espaço desse *eu* e sua relação com o espaço e os códigos sociais? O início da resposta a essa pergunta sugere a localização espacial do *eu* no processo de visualização que ele instaura no poema. O *eu* de Adélia nessa poesia é feminino e tem como ponto de referência espacial a própria janela, sendo que sua localização (do *eu*) é constituída de uma mobilidade e de um ponto de parada: o parapeito da janela. Os versos “Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo

em você, / meu pé esbarra no chão” mostram os movimentos e a parada do eu. Desse movimento contrário e representado por um verbo no tempo presente, é possível extrair um eu dividido entre o interior de casa e o que vê na rua, dois espaços marcadamente diferentes, com significações divergentes no contexto cultural popular. A rua é o espaço público em que está o mundo externo continente de ações que subvertem normas do contrato moral de uma sociedade. O olhar do *eu* focaliza essas ações através da janela: “Janela sobre o mundo aberta, por onde vi / o casamento da Anita esperando neném, a mãe / do Pedro Cisterna urinando na chuva”. O *eu* é alguém que se encontra dentro de um espaço limitado pelas normas de um contrato moral e que, ao mesmo tempo, se movimenta em direção a esses dois espaços: “Eu pulo você pra dentro e pra fora”. Nessas lembranças visuais, as personagens populares comuns em cidades pequenas estão presentes como Pedro Cisterna e sua mãe, que praticou uma ação que infringe um código de comportamento: urinar em público, aos olhos de todos. O que ainda mais tem a nos dizer o olhar do *eu-poético* em relação à janela? Continuemos.

Entre os dois espaços, o interior da casa e o espaço aberto da rua e em cima da janela, o *eu* se situa e se expõe visualmente na poesia. Ao afirmar que seu pé esbarra no chão deixa-nos entrevê-lo situado no espaço intermediário entre dois mundos divergentes: a rua e o lar, este sendo o local que preserva os padrões sociais de moralidade e aquele, o espaço da liberdade, do pouco recato e do distanciamento dos padrões morais. São populares as associações entre moralidade e lar, e imoralidade e rua. O lar, a casa, metonimicamente relacionados à família, quase sempre são considerados reduto da moral, dos bons costumes. Lembremos da expressão moça de família, ou seja, uma moça que anda dentro dos padrões morais que a sociedade impõe. Dessa posição intermediária, de um olhar de dentro da casa para as imagens da rua que ficaram impressas na memória, é possível entrever o laço emocional que ata o *eu* ao espaço da casa e ao espaço da rua, espaços esses constituintes de sua memória marcada pela visualidade, memória visual que revela traços do perfil do *eu* dividido. O *eu* está em casa, mas também apresenta o desejo da rua. A partir do momento que o *eu-lírico* vê, seleciona o que vê e expõe isso, ele passa a ser visto, ele e o contexto social em que se encontra. Esses dois – o *eu* e o contexto – encontram-se em uma ação de reciprocidade, revelando-se. As imagens que vê constituem o seu mundo e ele, como um ser desse cosmos, passa a ser esboçado pelas imagens que tem nos olhos. Percebe-se nesse eu-lírico, dividido entre a casa e o espaço público, um movimento significativo dentro do contrato sócio-cultural a que ele está sujeito: o desejo de infração. Há no *eu* o fascínio pela

rua, a vontade de transpor os limites representados pela divisão entre casa e espaço público, mas também a dificuldade em realizar esse ato, que acaba se restringindo ao pulo para dentro e para fora, ou seja, um movimento que não se realiza por completo.

O emocional do *eu* é realçado, e pode ser ainda mais desdobrado, quando ele fala de um momento de sua vida pessoal: “por onde vi / meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai: / minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis”. Esse clichê usado em situações de formalização de um namoro em uma família mostra uma das normas a que estavam sujeitas as pessoas do cosmo da poesia de Adélia Prado. Não só ele (essas palavras), mas a posição (fora da casa) em que se encontra o pretendente ao conversar com o pai da moça é o outro sinalizador de normas morais, sendo este último um sinalizador visual e espacial e aquele outro (as palavras) um sinalizador sonoro. Além da janela, em posição exterior à casa, o pretendente verbaliza para o pai do *eu* sua intenção de namoro. Nos versos citados de memória emocional está todo um movimento social determinado pelas convenções de um contrato sócio-cultural.

No final da poesia, ao fazer suas últimas considerações sobre a janela, o *eu* externa, ainda mais, seu lado afetivo em relação a essa abertura da casa. Nos versos “Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão, / clarabóia na minha alma, olho no meu coração”, vê-se, também, a presença da memória ligada ao emocional. Como em outros momentos da poesia, há nesses versos pinceladas reveladoras da aldeia da poeta, como o elemento visual *tramela*, constituindo a janela das habitações bucólicas; a “brincadeira de ladrão”, algo muito presente nas brincadeiras das crianças do interior e, além disso, a evocação da credence folclórica de que o ato de pular uma janela transformaria a pessoa em ladrão. Nesses últimos versos carregados de estrutura e tom popularescos, o *eu* utiliza elementos visuais para exibir sua memória emocional marcada pela visibilidade. Os elementos clarabóia e olho estão, indiscutivelmente, vinculados aos elementos alma e coração. A janela, por onde o *eu* viu tantas imagens que ficaram marcadas em sua história, é poetizada, sentimentalizada quando ele (o *eu*) constrói a relação metafórica entre os elementos clarabóia / alma e olho / coração. Dois elementos marcadamente emocionais: a alma e o coração e dois elementos marcadamente visuais: a clarabóia e o olho. Fica notória, nessa associação metafórica, a presença da memória emocional-visual nessa poesia de Adélia Prado.

Como vimos, no poema *Janela*, estão o mundo do *eu*, seu cotidiano, suas imagens, entre outros pontos presentes no foco adeliiano que, ao serem

desdobrados, lembram o passado, expõem tradições, códigos sociais, hábitos, pessoas daquele cosmos. Esses pontos ajudam a revelar o *eu* e seu mundo. É nessa relação entre a poesia e o cotidiano de Adélia Prado que encontramos o exemplo da intimidade entre literatura, história e cultura. Nas pequenas e importantes coisas do dia a dia estão dados que ampliam nossa visão em relação ao passado e permitem uma reflexão sobre a estrutura cultural em que todos nós estamos envolvidos.

A questão do olhar foi abordada em uma poesia de Adélia Prado. Nessa abordagem esteve presente o elemento janela. Essa poesia é apenas uma amostra do quanto o olhar, não só pela janela, mas em diferentes situações, está presente nas criações da poetisa mineira e de quanto ele carrega ricas significações. Logicamente, outras poesias envolvendo o olhar vão trazer informações novas sobre o trabalho dessa nossa poetisa e essas informações, com certeza, contribuirão para conhecermos melhor a rica tessitura poética de Adélia. Para finalizar, com o intuito de corroborar a afirmação que fizemos sobre a presença do olhar na poesia adeliana, é válido apresentar alguns textos e tecer pequenos comentários sobre eles. Começemos com o poema *Tanta saudade*, que também apresenta o olhar e a janela.

TANTA SAUDADE

No coração irrefletido mau gosto
a alegria palpita.
Montes de borboletas entram pela janela adentro
provocando coceiras, risos, provocando beijos.
Como nós nos amamos e seremos felizes!
Ah! Minha saia xadrez com minha blusa de listras...
Faço um grande sucesso na janela
fingindo que olho o tempo, ornada de tanajuras.
Papai tomou banho hoje,
quer vestir sua camisa azul de anil,
fio sintético transparente, um bolsinho só.
Quem me dera um só dia
dos que vivi chorando em minha vida,
quando éreis vivos, ó meu pai e minha mãe (PRADO, 1999,
p. 255).

No poema, o *eu* – uma moça – mostra-se na janela fingindo que olha o tempo. Nele encontramos os elementos indicativos de um lugar não-cidadino, os hábitos simples, a ação de se arrumar para se exibir na janela, as borboletas e tanajuras.

Também trazendo o olhar e a janela estão, além desses apresentados, os poemas *Morte morreu*, *A criatura* e *Viação São Cristóvão*. Neste, o eu

diz não querer morrer nunca por temer perder as coisas que vê pela janela e que se desdobram em tesouros. Mesmo sendo a janela de um ônibus, os versos revelam a forte significação do ato de olhar na vida daquele mundo poeticamente recriado.

Ainda a título de exemplificação do olhar na poesia de Adelia Prado, vejamos os versos visuais descritivos do poema *Bucólica nostálgica*:

Ao entardecer no mato, a casa entre
bananeiras, pés de manjeriço e cravo santo,
aparece dourada. Dentro dela, agachados,
na porta da rua, sentados no fogão, ou aí mesmo,
rápidos como se fossem ao êxodo, comem (PRADO, 1999,
p. 43).

E ainda esses outros versos de *Páscoa*:

Divido o dia em três partes
a primeira pra olhar retratos
a segunda pra olhar espelhos,
a última e maior delas pra chorar (PRADO, 1999, p. 30).

Cada um desses poemas é passível de desdobramento pelo viés do olhar. É claro que uma leitura aprofundada de todos esses poemas, marcados pela visualidade, objetivando a um descortinamento das significações de todos esses elementos relacionados ao olhar do *eu*, não caberiam neste ensaio. É necessário, como foi feito, pinçar um poema e nesse corte expor o que é possível encontrar em situações que envolvem o olhar do *eu*. Da mesma forma que no poema *Janela* os elementos visuais nos revelam dados significativos da poesia adeliana e de seu espaço geográfico e cultural, o mesmo acontecerá com os outros poemas da autora. Valeu aqui a exposição de certos caminhos que buscam significações na relação visual do *eu* com as coisas do seu mundo.

A abordagem feita sobre a poesia adeliana pelo viés do olhar, logicamente, é pequena para abarcar a grandiosidade da produção da poeta mineira, mas essa pequena abordagem serve como o início de um diálogo que, com certeza, poderá estimular os leitores de Adélia Prado a construir interessantes interpretações sobre o olhar em suas poesias.

Artigo recebido em: 05/8/2009

Artigo aceito para publicação em: 26/5/2010

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. 5.ed. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAUMAN, Zigmunt. Globalização e as conseqüências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto (org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 65-87.

COMBE, Dominique. La referencia desdoblada: el sujeto lírico entre la ficción y la autobiografía. In: ASEGUINOLOZA, Fernando (Org.). Teorías sobre la lírica. Madri: Arco Libros, 1999.

FONTENELLE, Laéria. A máscara e véu: o discurso feminino e a escritura de Adélia Prado. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2002.

PESSOA, Fernando. O eu profundo e os outros eus. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PRADO, Adélia. Poesia reunida. São Paulo: Arx, 1991.